

FATORES DE RISCO PARA O PORTE DE ARMAS ENTRE OS ADOLESCENTES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Geovana Maria do Carmo Oliveira¹

Maria Eduarda Bandim da Silva²

Lenizane Vanderlei³

Jakelline Raposo^{2,4}

Anila Thaís Lucena Barbosa²

Alka Daby Nascimento de Sales²

Ricardo Godoy⁵

Juliana de Godoy Bezerra Medrado¹

Carolina da Franca²

Fabiana de Godoy²

Resumo: Este estudo visou identificar os fatores de risco relacionados ao porte de armas entre os adolescentes. Foi conduzida uma revisão integrativa da literatura, com busca através do acesso online a National Library of Medicine (PubMed), Scientific Electronic Library Online (SciELO), e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Dezenove artigos foram selecionados entre os anos de 2011 a 2022, e de acordo com a seleção, verificou-se que a prevalência do porte de armas no sexo masculino foi significativamente maior, assim como na faixa etária acima de 15 anos. A maioria dos estudos encontrou associação entre o porte de armas na adolescência e a exposição prévia a algum tipo de violência. Os fatores de risco foram referentes a violência, desigualdade social, uso de drogas, falta de envolvimento parental, influência social e transtornos mentais nos adolescentes que portam armas.

Palavras-chave: Comportamentos de Risco à Saúde. Armas. Adolescente.

1 Faculdade de Odontologia de Pernambuco, Universidade de Pernambuco. E-mail: <geovanadocarmooliveira@gmail.com>

2 Programa de Pós-Graduação em Hebiatria, Universidade de Pernambuco. E-mail: <eduarda_bandim@hotmail.com> <jakelline.cipriano@upe.br> <anila.thais@upe.br> <alka.sales@upe.br> <carolina.franca@upe.br> <fabiana.godoy@upe.br>

3 Vigilância Epidemiológica, Prefeitura Municipal de Recife. E-mail: <leni.vanderlei@gmail.com>

4 Campus Rio Largo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas. E-mail: <jakelline.cipriano@upe.br>

5 Residência em Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial, Universidade de Pernambuco. E-mail: <ricardobanks@gmail.com>

RISK FACTORS FOR WEAPONS POSSESSION AMONG ADOLESCENTS: AN INTEGRATIVE REVIEW

Abstract: This research was to identify the risk factors related to weapons possession among adolescents. An integrative literature review was conducted, searching through online access to National Library of Medicine (PubMed), Scientific Electronic Library Online (SciELO), and Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Nineteen papers were selected between the years 2011 and 2022, and according to the selection, it was found that the prevalence of weapon possession in males was significantly higher, as well as in the age group above 15 years old. Most studies have found an association between teenage weapons possession and prior exposure to some form of violence. The risk factors were related to violence, social inequality, drug use, lack of parental involvement, social influence and mental disorders in adolescents who possess weapons.

Keywords: Health Risk Behaviors. Weapons. Adolescent.

INTRODUÇÃO

A adolescência se estende dos 10 aos 19 anos (WHO, 2023), e é um período de intensas mudanças no que tange às questões psicológicas, biológicas e sociais, devido a tais modificações, essa fase se torna um período de extrema fragilidade psicológica, facilmente influenciada por fatores externos, como as relações sociais que cercam o indivíduo (QUIROGA; VITALLE, 2013). Nesse momento, os adolescentes embarcam em uma nova experiência de práticas e comportamentos a fim de conquistar uma maior autonomia, o que pode levar à exposição aos comportamentos de risco (ROSA; CARMO-HUERTA, 2020).

Comportamentos de risco podem ser definidos, como a participação em situações que possam comprometer a saúde mental e/ou física do indivíduo podendo ser influenciados pela sua necessidade exploratória e pelo meio ao qual está inserido (CDC, 2019). Dentre essas condutas destacam-se: o envolvimento em brigas e o uso de drogas lícitas e ilícitas. Existe uma série de fatores relacionados ao engajamento com tais comportamentos de risco, podemos citar a presença de eventos de vida estressantes e a violência no núcleo familiar (KANN et al., 2016; ZIMMERMANN et al., 2013).

Na sociedade, é notório que a violência se manifesta de forma mais evidente entre adolescentes e jovens adultos (WHO, 2017). Uma revisão sistemática estimou que 10% a 15% de crianças e adolescentes em idade escolar sejam vítimas de algum tipo de violência grave (CARLSON et al., 2020). No Brasil, durante o período 2011-2017, a base nacional do Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN reuniu 1.429.931 notificações de violências, sendo 374.673 (26,2%) em adolescentes (PINTO et al., 2020). Com relação as mortes violentas intencionais, 50,3% foram de adolescentes e jovens na faixa etária de 12 a 29 anos, com pico entre 18 e 24 anos, sendo a maioria das mortes, em todas as faixas etárias, por arma de fogo (76,5%) (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023).

Entre os adolescentes a violência surge, de forma relevante, nos comportamentos manifestos no interior das escolas, tendo como principais fatores a participação em brigas físicas, bullying e porte de armas. (HONORATO et al., 2018; MINAYO, 2013). De acordo com pesquisas nacionais, 5,5% dos alunos afirmaram ter se envolvido em brigas em que alguém utilizou arma de fogo e 8,2% se envolveram em situações em que algum indivíduo utilizou arma branca. No período entre 2011 a 2017, a maior parte das notificações de violência por arma de fogo ocorreu no grupo dos adolescentes de 15 a 19 anos (83,8%) e entre os do sexo masculino (74,7%) (PINTO et al., 2020).

Nos Estados Unidos, os dados da Pesquisa de Comportamento de Risco para Jovens do Ensino Médio (YRBS), apontaram que 4,4% dos estudantes afirmaram ter portado armas de fogo em pelo menos um dia durante os últimos 12 meses, sendo encontrada a maior probabilidade entre os jovens do sexo masculino e estudantes do último ano escolar (CDC, 2019).

Tais comportamentos apresentam uma grande ameaça ao desenvolvimento saudável dos adolescentes. Apenas no ano de 2015 foram reportados 45 ataques armados nas escolas dos EUA e casos como os que ocorreram em Columbine High-EUA (1999) e Suzano-SP (2019), onde alunos tiveram acesso às armas e provocaram massacres dentro das escolas, demonstram na prática as consequências da violência e dos comportamentos de risco associados a ela (PHAM et al., 2017).

De acordo com o exposto, este trabalho teve como objetivo conhecer, por meio de uma revisão integrativa da literatura, os fatores de risco que levam o adolescente a portar armas.

MÉTODOS

Tipo de estudo

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa que pretende verificar a associação entre o porte de armas entre adolescentes e seus fatores de risco. Esse método de pesquisa é caracterizado pela síntese de múltiplos estudos publicados a fim de analisar e identificar resultados de pesquisas independentes que abarcam a área de estudo e possibilita, de forma objetiva, conclusões gerais sobre um determinado tema (WHITTEMORE; KNAFL., 2005).

A execução deste estudo foi realizada em sete etapas, de acordo com a metodologia da revisão integrativa, as quais são: a elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, seleção de forma sequencial pelo título, resumo e artigo na íntegra, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e, por fim, a apresentação da revisão integrativa (WHITTEMORE; KNAFL., 2005).

Critérios de Inclusão

Para seleção dos artigos foram elencados os seguintes critérios: artigos que respondessem à pergunta condutora do presente estudo “Quais os fatores que levam o adolescente a portar uma arma?” e cuja população-alvo fosse formada por adolescentes na faixa etária de 10 a 19 anos (WHO, 2023). Para tal busca foram filtrados os artigos dos últimos 10 anos, sem limitação de idioma.

Critérios de Exclusão

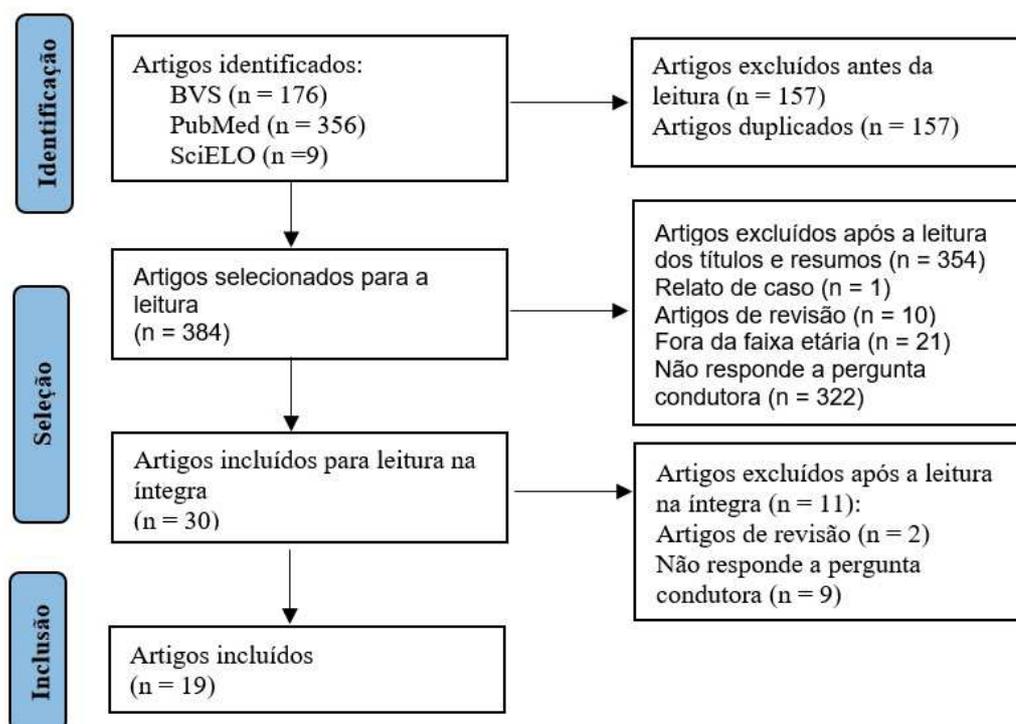
Relatos de caso, revisões de literatura, dissertações e relatórios.

Busca de dados

O levantamento bibliográfico foi realizado entre maio e junho de 2021 e atualizado em março de 2023 para incluir os anos de 2021 a 2022, através do acesso online a três bibliotecas virtuais (PubMed, SciELO e BVS), por duas pesquisadoras de forma independente, a fim de confirmar a lisura do processo na seleção dos trabalhos. Ambas utilizaram os mesmos descritores em inglês: Risk factors, Adolescents e Weapon, aplicando algarismo booleano AND entre os descritores de busca.

A seleção dos trabalhos seguiu as seguintes etapas: Na primeira etapa foram lidos os títulos e resumos dos trabalhos, excluindo aqueles que não atendiam aos critérios de elegibilidade. Contudo, antes de iniciar a leitura de títulos e resumos foram identificados aqueles em duplicidade, ou seja, aparecendo em mais de uma biblioteca a fim de retirá-los da análise. Após a retirada de 157 artigos duplicados restaram 384 artigos oriundos das bibliotecas BVS, SciELO e PubMed. As etapas da seleção dos trabalhos foram sistematizadas em um fluxograma (FIGURA 1), seguindo o PRISMA (PAGE et al., 2021).

Figura 1 – Fluxograma da seleção dos artigos, segundo o protocolo PRISMA ScR



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir do PRISMA ScR Flow Diagram 2020.

Considerações Éticas

Foi atendido a Lei nº 9.610 e Lei 12.853; o respeito aos direitos autorais; e ao conteúdo dos artigos.

RESULTADOS

Após análise, foram selecionados 19 artigos, que compuseram o presente estudo, tendo como resultado a associação do porte de arma entre adolescentes e os fatores de risco, como o consumo de álcool e drogas ilícitas, o envolvimento prévio com a violência, desigualdade social, saúde mental, falta de envolvimento parental e influência social. Os presentes achados foram indexados nas bases de dados Pubmed (9) e BVS (10), publicados entre 2011 a 2022 (QUADRO 1; 2), os artigos encontrados na Scielo não foram incluídos por estarem repetidos na BVS ou não responderem a pergunta norteadora.

Dentre os trabalhos selecionados, doze dispõem de um desenho metodológico de corte transversal e os demais possuem o corte longitudinal. Referente à amostra, a maioria dos artigos coletaram dados de

adolescentes de ambos os sexos. Contudo, Beardslee et al. (2018a), Beardslee et al. (2018b), Beardslee et al. (2019) e Beardslee et al. (2021) optaram por restringir a amostra ao sexo masculino. Os trabalhos tiveram faixa etária entre 10 e 19 anos (abarcando o ensino fundamental e médio). Apenas um estudo abordou as idades de 12 a 26 anos, mas como utilizou a faixa etária por idade isolada, foi incluído na amostra. Ao somar todos os estudos tem-se um total de 339.591 adolescentes pesquisados (QUADRO 1).

Com relação ao tipo de escola por dependência administrativa temos: oito estudos que utilizaram a rede pública e privada, quatro recorreram ao ensino público e sete não informaram o tipo de escola (QUADRO 1).

Nota-se que dentre os dezenove estudos, existe um maior número de pesquisas americanas, sendo: quatorze nos Estados Unidos, dois no Brasil, um em seis países (Bélgica, França, Canadá, Macedônia, Israel e Estados Unidos da América), um na Finlândia e um no Reino Unido. Os presentes achados foram indexados nas bases de dados Pubmed (9) e BVS (10), publicados entre 2022 e 2011 (QUADRO 1; 2).

No tocante aos instrumentos utilizados observa-se muitos trabalhos que utilizaram com base pesquisas nacionais e internacionais. Os estudos de Stayton et al. (2011), Baiden et al. (2021) e Pontes e Pontes (2021) tomaram como base os dados da Youth Risk Behavior Survey (YRBS). O estudo de Beardslee et al. (2018a), tal como o de Loughran et al. (2015) utilizaram os dados do The Pathways to Desistance Study (PDS), realizado nos estados do Arizona e Pensilvânia, nos Estados Unidos da América.

O estudo de Simckes et al. (2017) utilizou o Supplement to the National Crime Victimization Survey. (SCSs/NCVS), com uma amostra representativa de famílias americanas. O Pittsburgh Youth Study (PYS) foi aplicado por Beardslee et al. (2018a) e Beardslee et al. (2019). Em 2021, Beardslee et al. (2021) utilizou Self-Report of Offending scale (SRO) no estudo longitudinal de Crossroads em vários locais, com adolescentes infratores primários. O estudo de Sweeten e Fine (2020) usou o National Longitudinal Survey of Youth 1997 cohort (NLSY97), que é um inquérito nacionalmente representativo de indivíduos nascidos entre 1980 e 1984.

Quadro 1 - Distribuição dos estudos de acordo com país, autor, ano, desenho do estudo, tipo de escola, amostra, idade e instrumento utilizado

Pais	Autor/Ano	Desenho do estudo	Tipo de escola	Amostra (N)	Idade	Instrumento	
Brasil	Peres <i>et al.</i> , 2018	Transversal	Públicas e privadas	102.072	12 – 19	PeNSE	
	Melo e Garcia, 2016	Transversal	Públicas e privadas	109.104	12 – 19	PeNSE	
	Simckes <i>et al.</i> , 2017	Transversal	Públicas e privadas	10,704	12 – 18	SCSs/NCVS	
	Beardslee <i>et al.</i> , 2018a	Longitudinal	Públicas	485	10 – 18	PYS	
	Loughran <i>et al.</i> , 2015	Longitudinal	Não informado	1.354	16 – 18	PDS	
	Haegerich <i>et al.</i> , 2014	Transversal	Não informado	1,111	12 – 17	YAS	
	Stayton <i>et al.</i> , 2011	Transversal	Públicas	9.158	14 – 18	YRBS	
	Kagawa <i>et al.</i> , 2019	Transversal	Públicas e privadas	10.123	13 – 18	NCS-A	
	Beardslee <i>et al.</i> , 2019	Longitudinal	Públicas	503	10 – 19	PYS	
	Beardslee <i>et al.</i> , 2018b	Longitudinal	Não informado	1,17	14 – 19	PDS	
	Vaughn <i>et al.</i> , 2012	Transversal	Públicas e privadas	17,842	12 – 17	NSDUH	
	Beardslee <i>et al.</i> , 2021	Longitudinal	Não informado	1.216	13 -17	SRO	
	Baiden <i>et al.</i> , 2021	Transversal	Públicas e Privadas	13.442	14-18	YRBS	
	Pontes e Pontes, 2021	Transversal	Públicas e privadas	13390	14-18	YRBS	
EUA	O'Connor, Sullivan e Ross, 2022	Transversal	Não informado	265	12-17	CTC/HAAS/BAFS	
	Sweeten e Fine, 2020	Longitudinal	Não informado	8679	12-26*	NLSY97	
	Bélgica, França, Israel, Macedônia, Canadá e EUA.	Walsh <i>et al.</i> , 2013	Transversal	Públicas e privadas	20,125	11 – 15	HBSC

Fonte: Dados da pesquisa. 2023.

Quadro 2 - Distribuição dos estudos de acordo com a prevalência do porte de armas entre adolescentes e fatores de risco relacionados.

Autor/Ano	Porte de Arma	Fatores de risco	OR/RP – Fatores de risco (IC 95%)	Média – fatores de risco (SE)	p-Valor
		Sexo masculino	Com vitimização: 3.0 (2.2-3.9) Sem vitimização: 3.2 (2.5-4.1)		
		Ano escolar (9th)	Com vitimização: 1.6 (1.2-2.3) Sem vitimização: 1.1 (0.8-1.5)		
		Ano escolar (10th)	Com vitimização: 1.5 (1.1-2.1) Sem vitimização: 1.2 (0.9-1.7)		
		Raça negra	Com vitimização: 1.8 (1.2-2.5) Sem vitimização: 1.6 (1.2-2.0)		
		Hispânicos	Com vitimização: 1.8 (1.3-2.6) Sem vitimização: 1.7		
Stayton <i>et al.</i> , 2011	14.4% (IC 95% = 13.3-15.4)	Consumo excessivo de álcool nos últimos 30 dias.	Com vitimização: 2.9 (2.0-4.0) Sem vitimização: 1.8 (1.3-2.4)	Não informado	p< 0,05
		Usou maconha nos últimos 30 dias.	Com vitimização: 2.1 (1.5-3.0) Sem vitimização: 2.3 (1.7-3.0)		
		Sentiu tristeza persistente nos últimos 30 dias	Com vitimização: 2.1 (1.7-2.7) Sem vitimização: 1.1 (0.9-1.3)		
		Tentou suicídio no último ano	Com vitimização: 2.3 (1.6-3.2) Sem vitimização: 1.0 (0.7-1.5)		
		Envolvimento em brigas	Com vitimização: 4.5 (3.2-6.3) Sem vitimização: 3.6 (3.0-4.4)		
Vaughn <i>et al.</i> , 2012	3.1%*	Sexo masculino	4.57 (3.43-6.09)	Não informado	Não informado
		Vender drogas ilegais	16.09 (11.64-22.24)		
		Roubar	7.50 (5.69-9.88)		
		Uso de cocaína:	7.68 (5.06-11.65)		
		Uso de maconha:	4.12 (3.16-5.37)		
			Bélgica-França (meninas): 1.51 (0.45-5.00)		
			Bélgica-França (meninos): 1.95 (1.28-2.97)		
		Sexo masculino: 18,8%*	Canadá (meninas): 2.49 (1.53-4.05) Canadá (meninos): 1.96 (1.53-4.05)		
Walsh <i>et al.</i> , 2013		Briga física na escola	Israel (meninas): 1.67 (0.95-2.93) Israel (meninos): 2.15 (1.58-2.91) Macedônia (meninas): 0.96-3.80 Macedônia (meninos): 1.93 (1.47-2.52)	Não informado	Não informado
		Sexo feminino: 6,2%*	EUA (meninas): 2.61 (1.55-4.39) EUA (meninos): 1.63 (1.20-2.20)		
Haegerich <i>et al.</i> , 2014	14.0%*	Monitoramento parental:	0.47 (0.37-0.61)	Não informado	p<0001
		Boa comunicação familiar:	0.67 (0.54-0.83)		p<0.0003
		Exposição à violência – o participante do estudo foi vítima	Não informado.	Base: 2.78 (1.01) 6 meses: 1.04 (1.53) 1 ano: 0.82 (1.70)	
Loughran <i>et al.</i> , 2015	47%*	Exposição à violência – o participante do estudo era testemunha	Não informado.	Base: 5.31 (0.95) 6 meses: 3.12 (1.53) 1 ano: 3.00 (1.70)	p< 0.01
Saukkonen <i>et al.</i> , 2016	9%*	Delinquência	2.52 (1.93-3.29)	Não informado	p<0.001
		Vitimização	2.32 (1.68-3.20)		
		Delinquência percebida entre pares	Arma: 1.24 (1.00-1.54)		
		Faixa etária (maiores de 15 anos)	Sexo masculino: 1.17 (1.09-1.25) Sexo feminino: 1.20 (1.09-1.32)		
Melo e Garcia, 2016	10,36%*	Raça negra	Sexo masculino: 1.09 (0.99-1.20)	Não informado	p<0.001

			Sexo feminino: (1.02-1.39) Sexo masculino: 1.32 (1.22-1.42)		
		Ter um emprego	Sexo feminino: 1.35 (1.20-1.52)		
		Sofre violência familiar:	Sexo masculino: 1.62 (1.49-1.76) Sexo feminino: 1.72 (1.54-1.93) Sexo masculino: 1.37 (1.23-1.53)		
		Sofreu Bullying:	Sexo feminino: 1.55 (1.34 -1.79)		
		Uso de drogas ilícitas nos últimos 30 dias:	Sexo masculino: 1.66 (1.48-1.86) Sexo feminino: 1.70 (1.43-2.03)		
		Ingeriu álcool nos últimos 30 dias:	Sexo masculino: 2.07 (1.92-2.24) Sexo feminino: 1.77 (1.60-1.97)		
Simckes <i>et al.</i> , 2017	4.2% (IC 95% = 3.8, 4.6)	Bullying tradicional: Cyberbullying: Bullying tradicional e Cyberbullying:	2.19 (1.69-2.42) 2.84 (1.63-4.94) 5.92 (4.57-7.67)	Não informado	Não informado
		Crime na vizinhança.			p<.05. p<.05. p<.05. p<.001.
Beardslee <i>et al.</i> , 2018 ^a	19,79%*	Delinquência de pares	Não informado	Não informado.	p<.001. p<.01. p<.001. p<.001. p<.01.
		Problemas de conduta			
		Raça negra			p<.001. p<.01. p<.05.
Beardslee <i>et al.</i> , 2018 ^b	44.7%*	Exposição à violência armada	1.43 [1.17, 1.75]	Não informado	P<0.001
		Exposição a colegas que se engajaram em outros atos criminosos	1.20 [1.05, 1.37]		P<0.008
		Vítima de violência doméstica	2.11 (1.99-2.24)		
Peres <i>et al.</i> , 2018	10.2% (IC 95%= 9.8, 10.6)	Consumo de álcool nos últimos 30 dias	2.42 (2.30-2.55)	Não informado	Não informado
		Uso de drogas ilícitas nos últimos 30 dias.	3.23 (2.98-3.50)		
		Fobia social	1.71 (0.94, 3.08)		
Kagawa <i>et al.</i> , 2019	1.6% (IC 95% = 1.19, 2.09)	Transtorno de conduta	1.88 (1.38-2.57)	Não informado	Não informado
		Uso/dependência de drogas	1.91 (1.05-3.45)		
		Uso/ dependência de álcool	1.83 (0.97-3.47)		
		Desligamento dos pais		7 anos: 25.1 (4.7) 8 anos: 24.8 (5.0) 9 anos: 24.5 (5.1) 10 anos: 24.8 (5.2) 10 anos: 2.3 (3.0)	
Beardslee <i>et al.</i> , 2019	20.1%*	Delinquência	Não informado	11 anos: 2.9 (3.3) 12 anos: 2.9 (3.4) 13 anos: 3.1 (3.6)	Não informado
		Comportamento agressivo		10 anos: 11.0 (12.8) 11 anos: 13.3 (13.7) 12 anos: 13.5 (13.4) 13 anos: 12.4 (13.1)	
Beardslee <i>et al.</i> , 2021	Sem informação	Porte de arma anterior	OR = 3,92	0,2	p = 0,031
		Roubo não envolvendo armas e ofensas à propriedade	OR = 2,08	0,17	p < 0,001

DISCUSSÃO

Prevalência do porte de armas entre adolescentes

Observou-se grande variabilidade em relação à prevalência do porte de armas entre os adolescentes e uma disparidade quanto ao gênero. O estudo de Walsh et al. (2013), que utilizou dados da Bélgica, França, Canadá, Macedônia, Estados Unidos e Israel, encontrou uma larga variação entre o porte de armas entre essas nações. Taxas de prevalência mais altas, como as encontradas nos EUA e na Macedônia, podem ser atribuídas ao fato de as políticas armamentistas dessas nações serem relativamente flexíveis. Já as taxas de porte de armas nos países com uma forte presença militar, como Israel, podem ser relacionadas às normas sociais diferenciadas em face do conflito em andamento (WALSH et al., 2013).

Na Finlândia, ainda que seja proibido em locais públicos o porte de qualquer objeto ou material cujo uso possa causar ferimentos graves a uma pessoa, o estudo de Saukkonen et al. (2016) indicou que 9% dos adolescentes finlandeses relataram ter portado armas no ano anterior ao estudo, apresentando um percentual semelhante ao encontrado por Melo e Garcia (2016) em seu estudo realizado no Brasil, onde a política armamentista, principalmente relacionada ao porte de arma, é relativamente rígida. Loughran et al. (2015) e Beardslee et al. (2018a) encontraram prevalências de 47% e 44,7%, respectivamente. Esses achados revelam uma grande variabilidade quando comparados aos demais estudos, o que pode ser justificado pelo fato do público-alvo dessas pesquisas serem jovens infratores, que por sua vez, estão mais relacionados com os fatores de risco para o porte de armas.

Referente ao sexo, existem algumas limitações em termos de comparação, pois Kagawa et al. (2019) não especificou o sexo dos adolescentes pesquisados e outros como Beardslee et al. (2019), Beardslee et al. (2018a) e Beardslee et al. (2018b), Beardslee et al. (2021) restringiram suas pesquisas ao sexo masculino. Entretanto, Vaughn et al. (2012), Stayton et al. (2011) e Melo e Garcia (2016) verificaram que os meninos tinham, respectivamente, 4,5, 3 e 2 vezes mais chance de portarem armas em relação às meninas. Essa disparidade quanto ao gênero pode ser apoiada pela maioria dos achados como o de Baiden et al. (2021), Walsh et al. (2013), Pontes e Pontes (2021), Villadsen et al. (2022), Sweeten et al. (2020) que demonstrou que o sexo masculino está mais relacionado aos fatores de risco, possuindo probabilidade elevada para comportamentos violentos, incluindo o porte de armas. Em vista disso, é essencial intervenções voltadas para meninos como medida eficaz para reduzir a violência.

Melo e Garcia (2016) e Kagawa et al. (2019), indicaram que os alunos mais velhos tiveram maior participação em lutas com armas, encontrando uma maior prevalência entre os adolescentes maiores de 15 anos, o que parece estar relacionado com o fato dessa ser a faixa etária onde existe uma maior prevalência de adolescentes que trabalham, visto que esse comportamento pode levar os mesmos a assumirem papéis de adultos precocemente, e consequentemente aumentar os comportamentos de risco à saúde. Stayton et al. (2011) apontou uma maior prevalência entre o grupo de 14 a 16 anos, que é o intervalo etário com maior taxa de vitimização prévia, apontando uma relação do porte de armas com a vulnerabilidade à agressão, já que os adolescentes mais jovens geralmente têm habilidades sociais menos desenvolvidas para lidar com conflitos interpessoais, quando comparados aos adolescentes mais velhos.

Beardslee et al. (2021) ao examinar os preditores de mudança de porte de arma na adolescência, aos 15 anos, e no início da idade adulta, aos 20 anos, constatou, na maioria das análises de idade, que elas não foram significativas, sugerindo que os preditores de porte de armas não mudaram durante a adolescência e a transição para a vida adulta.

Já no estudo de Sweeten et al. (2020), por exemplo, em que avaliou a dinamicidade dos fatores de risco para porte de arma de fogo desde a adolescência (12 anos) até a idade adulta (26 anos), foi visto que os adolescentes portaram arma apenas uma vez e os adultos habitualmente transportam com frequência. Os autores sugeriram um fenômeno de efemeridade no porte de armas por adolescentes. Acredita-se que na adolescência as causas do porte de armas estejam relacionadas com os fatores situacionais a curto prazo, uma vez eliminados esses fatores, a pressão para transportar arma de fogo diminui.

Fatores de risco

Desigualdade social

Vaughn et al. (2012) demonstrou que fatores de riscos sociais, como moradias precárias, desemprego e privação de recursos fornecem um contexto favorável para compreender o porte de armas de fogo entre adolescentes. O autor ainda destacou que o estresse econômico pode aumentar a probabilidade dos jovens venderem drogas ilícitas o que aumenta a necessidade de maior autoproteção contra possíveis ataques e consequentemente, leva ao porte de armas de fogo. No estudo de Villadsen et al. (2022) no Reino Unido, notou-se que as experiências infantis de baixa renda familiar foram preditores de envolvimento com armas aos 17 anos.

Outro fator foi em relação a raça, Beardslee et al. (2018a), Melo e Garcia (2016) e Stayton et al. (2011) encontraram uma maior prevalência do porte de armas entre os adolescentes negros e pardos, que podem estar em situação mais vulnerável de risco social, fato ratificado pelo estudo de Beardslee et al. (2018a) que demonstrou, através da análise longitudinal, que essa alta prevalência pode ser atribuída ao fato de terem uma maior exposição, durante a infância, a uma série de fatores de riscos referentes ao contexto histórico, ambiental e social desses indivíduos, que em sua maioria, vivem em comunidades empobrecidas e violentas. Isso pode ser apoiado por evidências do próprio estudo, dado que os meninos negros relataram, significativamente, presenciarem mais crimes na vizinhança durante a primeira infância do que os meninos brancos.

Dentro dessa perspectiva de desigualdade social, um desfecho interessante surgiu no estudo de O'Connor, Sullivan e Ross (2022), que analisou não apenas fatores de risco que levam ao porte de armas, mas também os fatores de proteção. Ele observou que ter elevado nível de bens pessoais e sociais não amorteceu o risco de porte de armas, em vez disso foi associado ao maior risco de porte de armas pelos adolescentes. À primeira vista essa descoberta parece contradizer o que sabemos sobre o papel dos bens no desenvolvimento de comportamentos de proteção e não de risco. Todavia, a maioria dos adolescentes que portavam o faziam por proteção pessoal.

O'Connor, Sullivan e Ross (2022) verificou ainda a associação de diversas variáveis dentre os adolescentes que possuíam alto ou baixo nível de bens pessoais e chegou a um resultado surpreendente. Dentre os adolescentes que relataram ter um ou mais amigos que portam armas, a probabilidade desse

adolescente portar arma foi 89 vezes maior entre aqueles que tinham níveis mais altos de bens materiais do que os de baixo nível.

Apesar de ser um resultado incomum, deve-se levar em consideração que o estudo de O'Connor, Sullivan e Ross (2022) possui uma limitação relevante, foi uma pesquisa transversal e com uma amostra pequena. Por isso, é pertinente que estudos maiores sejam realizados a fim de estabelecer essas hipóteses.

Violência

Saukkonen et al. (2017) e Stayton et al. (2011) afirmaram que adolescentes com histórico de delinquência e vitimização eram mais propensos ao porte de arma quando comparados aos que não estão envolvidos nessas situações. Em concordância, Stayton et al. (2011) e Vaughn et al. (2012) se depararam com uma alta prevalência entre os jovens que afirmaram estar envolvidos com gangues e com o comércio de drogas, respectivamente, sendo esse um fator tanto ligado a violência como a desigualdade social. Soma-se a isso o fato de que os estudos de Loughran et al. (2015) e Beardslee et al. (2018a) foram os que encontraram as maiores prevalências de porte de armas justamente entre adolescentes infratores, que quando são encaminhados para serviços de ressocialização podem encontrar locais que não respeitem os seus direitos enquanto unidades socioeducativas, não gerando oportunidades de mudanças efetivas para a ressocialização desses adolescentes (Simões, 2014).

Melo e Garcia (2016) e Peres et al. (2018) encontraram uma maior prevalência do porte entre os adolescentes que sofreram algum tipo de violência doméstica ou familiar, em comparação com os que vivenciaram essa experiência. Loughran et al. (2016) também observou, em seu estudo longitudinal, com dois follow-up de 6 meses, a ligação entre o porte de armas com a exposição à violência, seja como vítima ou testemunha. Beardslee et al. (2018a), verificou que a exposição à violência pode levar os adolescentes a se envolverem no porte de armas, porque eles começam a vê-la cada vez mais como uma parte da vida cotidiana, em sua comunidade, ou como a única forma eficaz de se proteger de ataques futuros e como consequência, é construído um círculo vicioso.

Nesta perspectiva é relevante apresentar um evento curioso que ocorreu em outro estudo de Beardslee et al. (2021), em uma pesquisa longitudinal, onde os adolescentes foram mais propensos a portar armas nos anos em que foram expostos à violência armada, mas não quando foram expostos a violência não relacionada com armas. À vista disso é que a probabilidade do porte de arma foi 4,3 vezes maior durante os anos em que um jovem foi vítima ou testemunha de violência armada, mas não foi significativamente alta quando expostos a violência grave sem armas.

Melo e Garcia (2016), Simckes et al. (2017) e Baiden et al. (2021) encontraram uma associação entre o porte de armas na adolescência e o bullying, que é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos contra uma pessoa indefesa, seja de forma física ou verbal. Simckes et al. (2017) afirmou que os adolescentes vítimas que sofreram esse tipo de violência tiveram três vezes mais probabilidade de relatar o acesso a uma arma carregada em comparação com aqueles que não sofreram, encontrando uma maior prevalência de porte de armas no grupo que sofreu, concomitantemente, no bullying tradicional e cyberbullying, que é a variação cuja ocorrência pode se dar por meio das mídias sociais.

Villadsen et al. (2022), em uma coorte longitudinal, avaliou os fatores da infância e pré-adolescência desde os 9 meses até os 17 anos, e constatou que a violência doméstica entre os pais durante a infância eram preditores do envolvimento com armas aos 17 anos. A violência é um fenômeno complexo e seus desdobramentos tanto para saúde física e mental são imensuráveis. As alterações comportamentais e as tomadas de decisões são influenciadas pelo que foi vivenciado nos primeiros anos de vida. Sofrer violência ou testemunhar violência são eventos quase que equânimes, uma vez que a vítima que testemunha, sofre por consequência, violência psicológica.

Por isso, dada a magnitude da violência não só na saúde física e mental, mas principalmente na extensão dessa problemática no que concerne a padrões comportamentais, como o porte de armas, verifica-se a urgência em elaborar estratégias de prevenção à violência e promoção de uma cultura de paz em que envolvam comunidades, escolas e redes de saúde.

Álcool e uso de substâncias ilícitas

Kagawa et al. (2019) revelou que 44% dos alunos que portaram armas, consumiram álcool, e 53% usaram drogas ilícitas, além de identificar que adolescentes com transtorno de uso dessas substâncias, as quais são fatores de risco importantes para a violência, foram quase duas vezes mais propensos a portar armas do que os jovens sem esses distúrbios. De forma similar, Melo e Garcia (2016) apontou que estudantes que relataram uso de cigarro, álcool e drogas ilícitas foram significativamente mais prováveis de portar uma arma, em decorrência da associação desses hábitos e a violência, visto que os mesmos provocam alteração comportamental. Essas justificativas complementam os achados de Peres et al. (2018), Vaughn et al. (2011), Baiden et al. (2021), Kagawa et al. (2019) e Stayton et al. (2011).

Um ponto importante a ser discutido é que diferente da maioria dos estudos que analisam a associação do uso do álcool de forma genérica e a violência e/ou porte de armas, Baiden et al. (2021), nos Estados Unidos, investigou a associação entre idade do primeiro uso de álcool e o porte de armas. Para isso, a fim de obter um resultado fidedigno, controlou-se os efeitos de outros fatores de risco e dessa forma desvelou que os adolescentes que começaram a consumir álcool antes dos 13 anos tiveram duas vezes mais chances de portar uma arma, quando comparados aos que nunca consumiram álcool.

Nesse sentido, ampliou-se a discussão ao indicar que existe associação entre o início precoce do uso do álcool e o porte de armas entre os adolescentes. Essa associação pode ser explicada por estudos anteriores que descobriram que o uso de álcool é uma correlação independente de comportamentos delinquentes e relacionados à violência (GOEBERT et al., 2004; KOMRO et al., 2000).

Estudos longitudinais também apoiam essa ideia, como o de Ellickson et al. (2003), que constatou que os usuários precoces de álcool tinham maior probabilidade de se tornarem delinquentes, violentos, usarem substâncias e se envolverem com a criminalidade aos 23 anos, em comparação com seus colegas que não começaram beber álcool em uma idade muito precoce.

Quanto ao uso de opioides, o estudo de Pontes e Pontes (2021) certificou que o uso abusivo de opiáceos em adolescentes escolares possui relação significativa com o porte de armas, e o sexo masculino apresentou relevante associação com o porte de armas quando comparados aos meninos que não utilizaram opioides. Além disso, esta relação estatística também mostrou ser maior nos estudantes masculinos em

detrimento ao feminino.

A pandemia do Covid 19 resultou em um aumento de porte de armas em 2020 juntamente com um aumento nos distúrbios de saúde mental e uso de substâncias (GUNNELL et al., 2020; HOLMES et al., 2020; YAO et al., 2020), incluindo uso indevido de opioides (SILVA e KELLY, 2020; SLAVOVA et al., 2020). Consequentemente, são necessárias medidas de prevenção abrangentes para abordar tanto o uso abusivo de opioides como o comportamento de transportar armas para a escola.

Falta de envolvimento parental

Beardslee et al. (2019) indicou que 29% dos adolescentes que portaram armas, relataram terem sofrido um certo grau de desligamento parental durante a infância. Assim como Haegerich et al. (2014), que observou que a grande maioria dos participantes, relatou ter uma má relação com os pais e falta de monitoramento parental, o que confirma os achados de Saukkonen et al. (2016), Melo e Garcia (2016) e Stayton et al. (2011).

Percebe-se, através dos resultados desses estudos, o efeito protetor existente no envolvimento e supervisão dos pais, que por sua vez, reduzem as chances de exposição a alguns fatores de risco associados ao porte de armas, pois pais desinteressados podem ser menos propensos a monitorar seus filhos, menos ligados emocionalmente a eles ou menos propensos a modelar e reforçar comportamentos pró-sociais, uma vez que os mesmos são complicadores do porte de armas entre adolescentes. Nesse sentido, os jovens que portam armas de fogo têm muito menos probabilidade de relatar o envolvimento dos pais em suas vidas (BEARDSLEE et al., 2019; HAEGERICHE et al., 2014; SAUKKONEN et al., 2016; MELO; GARCIA, 2016; STAYTON et al., 2011).

Saúde mental

Ao analisar variáveis relacionadas à saúde mental, Melo e Garcia (2016) encontraram uma associação entre a insônia e o porte de armas, o que pode ser justificado em razão da relação entre a privação de sono e o aumento da ansiedade, irritabilidade, fatores que podem estar associado com uma maior prevalência de comportamentos violentos.

De acordo com o estudo de Stayton et al. (2011), é possível perceber que os adolescentes que relataram sentir uma tristeza persistente, e que vivenciaram algum episódio de violência previamente, tinham duas vezes mais chance de portarem armas do que o grupo que não sentia, possivelmente sinalizando o considerável estresse associado com a vitimização e a necessidade de se armar para a autodefesa.

Kagawa et al. (2019) afirmou que os adolescentes que possuíam diagnóstico de transtornos mentais, como o transtorno de bipolaridade, fobias sociais e desordem de conduta, apresentavam mais chances de portar armas quando comparados aos indivíduos que não possuíam diagnóstico de transtorno algum. Saukkonen et al. (2017) também desvelou que adolescentes com características psicopáticas eram mais propensos a portar uma arma, mesmo depois de controlar outros fatores de risco.

Segundo Baiden et al. (2021) adolescentes que relataram ter ideiação suicida eram mais propensos a portar armas. Essa descoberta coincide com outros achados da literatura (BAIDEN et al., 2019; ROMERO et al., 2017; WATKINS et al., 2013) e são extremamente preocupantes em razão da motivação desse porte para a tentativa de suicídio, pois os números desse agravo estão cada vez mais crescentes na população de adolescentes, infratores, foi observado que esses adolescentes eram mais propensos a portar armas nos anos em que seus pares (amigos e até mesmo pais) também transportavam armas. É possível que esses pares promovessem, por meio de discursos de normalização e admiração, o porte de armas. É também presumível que esses indivíduos estavam expostos a uma cultura social na qual as armas são facilmente acessíveis.

Influência Social

No estudo de Beardslee et al. (2021), em uma coorte longitudinal, com adolescentes masculinos infratores, foi observado que esses adolescentes eram mais propensos a portar armas nos anos em que seus pares (amigos e até mesmo pais) também transportavam armas. É possível que esses pares promovessem, por meio de discursos de normalização e admiração, o porte de armas. É também presumível que esses indivíduos estavam expostos a uma cultura social na qual as armas são facilmente acessíveis.

No estudo de Villadsen et al. (2022) verificou-se que o uso de múltiplas substâncias foi preditor significativo para o porte de armas. Sendo pertinente apontar que a utilização de substâncias pelos pares, quando os adolescentes investigados tinham 14 anos, foi associada ao porte de armas aos 17 anos. Esse possível efeito de contágio entre os pares sugere que as intervenções para serem eficazes e terem efeitos amplos precisam abranger a rede de pares e não apenas o indivíduo.

A exemplo de mais variáveis de influência, o estudo de Sweeten et al. (2020) identificou, estatisticamente, que a participação/adesão a gangues foi o preditor mais forte de porte de arma, assim como o envolvimento em crimes violentos com detenção e o consumo/venda de drogas também aumentam essa probabilidade.

Em um amostra predominantemente afro-americana, que residia em comunidades urbanas com alta taxa de pobreza, O'Connor, Sullivan e Ross (2022) descobriu que o acesso à arma de fogo, o porte de arma pelos amigos e as crenças que apoiam a agressão reativa são fatores de risco para o porte de armas. O adolescente que teve acesso à arma teve 4 vezes mais chances de portá-la.

Limitações dos estudos

A maioria dos estudos, com exceção de Loughran et al. (2015), Beardslee et al. (2018a), Haegerich et al. (2014), Villadsen e Fitzsimons (2022), O'Connor, Sullivan e Ross (2022) e Sweeten e Fine (2020), têm como base pesquisas realizadas em escolas e, como consequência, excluem aqueles que estão em outros modelos educacionais ou até mesmo aqueles que estão fora do sistema escolar.

Apenas Melo e Garcia (2016), Kagawa et al. (2019), Stayton et al. (2011), Beardslee et al. (2021), Villadsen e Fitzsimons (2022) e Sweeten e Fine (2020) relacionaram a faixa etária com o porte de armas, o que limita quanto a compreensão do perfil etário do adolescente que porta armas. Loughran et al. (2015), Stayton et al. (2011), Beardslee et al. (2018) e Saukkonen et al. (2016) restringiram suas pesquisas aos jovens com mais de 14 anos, o que exclui os mais jovens e, conseqüentemente, limita em termos comparativos.

A maior parte dos achados utilizaram a metodologia transversal, o que não permite uma sequência

temporal de eventos que seria confirmada por meio de análises longitudinais, possibilitando dessa forma dados consistentes em relação à causalidade. Pelo fato de se valerem de tal metodologia os trabalhos forneceram apenas informações sobre o uso e porte de armas durante um ponto específico de tempo, não sendo possível vislumbrar por quanto tempo ocorreu o uso de armas pelos jovens.

Todos os trabalhos selecionados recolheram dados da Europa ou América, o que limita a comparação com o contexto e, conseqüentemente, fatores de risco relacionados ao porte nos demais continentes.

Os estudos não revelaram as condições e níveis de violência que afetaram cada país estudado, além do que, principalmente no caso dos norte-americanos, recolheram dados da nação de forma geral, sem se aprofundar em cada estado, o que seria um fator enriquecedor para o presente estudo, pois os Estados Unidos têm uma legislação diferente para cada unidade federativa e isso permitiria avaliar a relação entre as leis e a prevalência do porte de arma entre os adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a literatura pesquisada, foi possível concluir que existe uma grande variação da prevalência do porte de armas entre os trabalhos em decorrência da não padronização das amostras. Entretanto, quanto ao gênero, houve um consenso de que o sexo masculino era significativamente mais provável de portar armas. No que se refere a faixa etária, apenas três estudos fizeram essa análise, encontrando maior prevalência entre os estudantes maiores de 14 anos.

O porte de armas por adolescentes foi associado a diversos fatores de risco nas esferas sociais, comportamentais e mentais. Os achados indicam que a exposição prévia à violência, desigualdade social, uso de drogas ilícitas, consumo de álcool, problemas de saúde mental, falta de envolvimento parental e influência social estão diretamente ligados às altas prevalências de porte de armas entre os adolescentes.

Existem diferentes contextos para a exposição aos fatores de risco e, conseqüentemente, para a associação destes com o porte de armas, o que indica que o grupo de adolescentes que portam armas não é homogêneo. Entretanto, todos os fatores estão relacionados com a criação de um círculo vicioso de violência, onde os adolescentes recorrem ao porte de armas para autoproteção e/ou autoafirmação.

Extrapolando os resultados deste estudo, os autores sugerem, a partir dos fatores de risco encontrados, algumas ações de nível sistêmico, como a promoção de atividades protetivas como esportes, artes, ações comunitárias, trabalho voluntário, principalmente no contraturno escolar, para os adolescentes escolares; para aqueles que não frequentam a escola, as ações poderiam ser desenvolvidas na Atenção Básica à Saúde em conjunto com os conselhos tutelares e órgãos da justiça, tendo em vista que a violência perpassa e impacta em diversas esferas da vida.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: FBSP, 2023. 357 p.: il. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>>.

BAIDEN, P. et al. Age at first alcohol use and weapon carrying among adolescents: Findings from the 2019 Youth Risk Behavior Survey. *SSM - Population Health*, v. 15, n. 15, p. 100820 may. 2021. DOI: 10.1016/j.ssmph.2021.100820. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8187826/>>.

BEARDSLEE, J. et al. A Within-Individual Examination of the Predictors of Gun Carrying During Adolescence and Young Adulthood Among Young Men. *J Youth Adolesc.* v. 50, n. 10, p. 1952-1969, Oct. 2021. Disponível em: <<https://>

BEARDSLEE, J. et al. Gun-and non-gun-related violence exposure and risk for subsequent gun carrying among male juvenile offenders. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, v. 57, n. 4, p. 274-279, 2018b. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5876872/>>.

BEARDSLEE, J. et al. Parental disengagement in childhood and adolescent male gun carrying. *Pediatrics*, v. 143, n. 4, p. e2018-1552, Apr. 2019. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5876872/>>.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil: seção 1, Brasília, DF, 1990. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>.

CARLSON, J. S. et al. Prevalence of adverse childhood experiences in school-aged youth: A systematic review (1990–2015). *International Journal of School & Educational Psychology*, v. 8, p. 2-23, 2020. Supl. 1.

CDC. Youth risk behavior survey (YRBS). **Centers for Disease Control and Prevention**: 2019. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/healthyyouth/data/yrbs/feature/index.htm>>.

ELICKSON, P. L.; TUCKER, J. S.; KLEIN, D. J. Ten-year prospective study of public health problems associated with early drinking. *Pediatrics*, v. 111, n. 5 I, p. 949-55, May. 2003.

GOEBERT, D. A. et al. Alcohol use and violence among adolescents in a multiethnic setting. *Journal of School Violence*, v. 3, n. 4, p. 77–91, 2004.

GUNNELL, D. et al. Suicide risk and prevention during the COVID-19 pandemic. *The Lancet Psychiatry*, v.7, n 6, p.468-471, 2020. DOI: 10.1016/S2215-0366(20)30171-1. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7173821/>>.

HOLMES, E. A. et al. Multidisciplinary research priorities for the COVID-19 pandemic: a call for action for mental health science. *The Lancet Psychiatry*, v.7, n. 6, p. 547-560, jun. 2020. DOI: 10.1016/S2215-0366(20)30168-1. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7159850/>>.

HONORATO, L. G. F. et al. Violência na Infância e Adolescência: Perfil notificado na mesorregião do Baixo Amazonas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 70, n. 2, p. 266-284, 2018. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v70n2/19.pdf>>.

KAGAWA, R. M. C. et al. Psychiatric disorders and gun carrying among adolescents in the United States. *The Journal of pediatrics*, v. 209, p. 198-203, 2019. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7027365/>>.

KANN, L. et al. Youth risk behavior surveillance – United States, 2015. **Morbidity and Mortality Weekly Report: Surveillance Summaries**, v. 65, n. 6, p. 1-174, 2016.

KOMRO, K. A. et al. The Relationship between Adolescent Alcohol Use and Delinquent and Violent Behaviors. *Journal of Child and Adolescent Substance Abuse*, v. 9, n. 2, p. 13–28, 2000.

LOUGHRAN, T. A. et al. Effect of gun carrying on perceptions of risk among adolescent offenders. *American journal of public health*, v. 106, n. 2, p. 350-352, 2016. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4985855/>>.

- MELO, A. C. M.; GARCIA, L. P. Involvement of school students in fights with weapons: prevalence and associated factors in Brazil. **BMC public health**, v. 16, n. 1, p. 1008, 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5034535/>>.
- MINAYO, M. C. S. Violência e educação: impactos e tendências. **Revista Pedagógica**, v. 15, n. 31, p. 249-264, 2013. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/2338>>.
- O'CONNOR, K. E.; SULLIVAN, T. N.; ROSS, K. M. Individual- and Peer-Level Risk and Protective Factors for Gun Carriage Among Adolescents Living in Low-Income Urban Communities. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 38, n. 7-8, p. 5564-5590, Apr. 2023. DOI: 10.1177/08862605221124252
- PAGE, M. J. et al. PRISMA 2020 explanation and elaboration: updated guidance and exemplars for reporting systematic reviews. **BMJ: British medical journal**, v. 372 n. 160, Mar. 2021. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8005925/>>.
- PERES, M. F. T. et al. Personal, relational and school factors associated with involvement in fights with weapons among school-age youth in Brazil: a multilevel ecological approach. **International journal of public health**, v. 63, n. 8, p. 957-965, 2018.
- PHAM, T. B. et al. Weapon carrying among victims of bullying. **Pediatrics**, v. 140, n. 6, 2017.
- PINTO, I. V. et al. Adolescências feridas: retrato das violências com arma de fogo notificadas no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, n.1. p. 200002, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/VZNtZdZd9H3LBtGM7v7WVqh/?format=pdf&lang=pt>>.
- PONTES, N. M. H.; PONTES, M. Sex differences in the relationship between prescription opioid misuse and gun and other weapon-carrying behaviors. **Drug and alcohol Dependence**, v. 1, n. 221, p. 108596. Apr. 2021.
- QUIROGA, F. L.; VITALLE, M. S. D. S. O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 23, n. 3, p. 863-878, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/8F4JDSPHQTkgzmYCWRsz9Rf/?format=pdf&lang=pt>>.
- ROMERO, A. et al. Examining Adolescent Suicidal Behaviors in Relation to Gun Carrying and Bullying. **Journal of School Violence**, v. 16, n. 4, p. 445-458, 2017.
- ROSA, M. D.; CARMO-HUERTA, V. O que resta da adolescência: despertar nas fronteiras e nos fronts. **Estilos da Clínica**, v. 25, n. 1, p. 5-20, 2020. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v25i1p5-20. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v25n1/a02v25n1.pdf>>
- SAUKKONEN, S. et al. Weapon carrying and psychopathic-like features in a population-based sample of Finnish adolescents. **European child & adolescent psychiatry**, v. 25, n. 2, p. 183-191, 2016.
- SILVA, M. J.; KELLY, Z. The escalation of the opioid epidemic due to COVID-19 and resulting lessons about treatment alternatives. **American Journal of Managed Care**, v.26, n. 7, p. 202-204, jun. 2020. Disponível em: <<https://www.ajmc.com/view/the-escalation-of-the-opioid-epidemic-due-to-covid19-and-resulting-lessons-about-treatment-alternatives>>.
- SIMCKES, M. S. et al. Access to a loaded gun without adult permission and school-based bullying. **Journal of Adolescent Health**, v. 61, n. 3, p. 329-334, 2017.

SIMÕES, P. Garantindo direitos: um estudo do sistema socioeducativo em Santa Catarina. *Política & Sociedade*, v. 13, n. 26, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2014v13n26p11/26910>>.

SLAVOVA, S. et al. Signal of increased opioid overdose during COVID-19 from emergency medical services data. *Drug and Alcohol Dependence*, v. 214, n. 1, p. 108176, Sep. 2020. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7351024/>>.

SOUZA, J. G. Porte de Arma de Fogo no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Policiais*, v. 10, n. 2, p. 91-109, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.pf.gov.br/index.php/RBCP/article/view/540/380>>.

STAYTON, C. et al. Victimization and health risk factors among weapon-carrying youth. *American journal of health behavior*, v. 35, n. 6, p. 654-63, 2011.

SWEETEN, G.; FINE, A. D. Dynamic Risk Factors for Handgun Carrying: Are There Developmental or Sex Differences? *Journal of clinical child and adolescent psychology : the official journal for the Society of Clinical Child and Adolescent Psychology. American Psychological Association, Division 53*, v. 50, n. 3, p. 311-325, May-Jun. 2021.

VAUGHN, M. G. et al. Correlates of handgun carrying among adolescents in the United States. *Journal of interpersonal violence*, v. 27, n. 10, p. 2003-2021, 2012. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3480725/>>.

VILLADSEN, A.; FITZSIMONS, E. Longitudinal predictors of weapon involvement in middle adolescence: Evidence from the UK Millennium Cohort Study. *Aggressive behavior*, v. 49, n. 1, p. 5-14, Jan. 2023. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10087410/>>.

WALSH, S. D. et al. Physical and emotional health problems experienced by youth engaged in physical fighting and weapon carrying. *PLoS One*, v. 8, n. 2, p. e56403, 2013. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3578866/>>.

WATKINS, A. M.; LIZOTTE, A. J. Does Household Gun Access Increase the Risk of Attempted Suicide?: Evidence From a National Sample of Adolescents. *Youth & Society*, v. 45, n. 3, p. 324-346, 2013.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. *Journal of advanced nursing*, v. 52, n. 5, 546-553, 2005.

WHO. **Global Accelerated Action for the Health of Adolescents (AA-HA!): guidance to support country implementation**, second edition ISBN 978-92-4-008176-5 (electronic version). 2. ed. Geneva: World Health Organization; 2023. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/9789240081765>>.